



**PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS**  
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPER PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



# Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

25 de Novembro de 2006 • Ano LXIII • N.º 1636  
Preço: € 0,33 (IVA incluído)  
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre João Rosa • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913  
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285  
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239



«Aos recreios cada qual goza como gosta» — Pai Américo.

## Tribuna de Coimbra

# Bodas de prata

O Manuel António e a Rosa celebraram no sábado passado as suas bodas de prata matrimoniais. Foi na capela da Casa do Gaiato de Bujos. Tinha sido ali que há 25 anos, com a bênção de Padre Horácio, se haviam recebido, junto do altar do Senhor. Chamei-os de novo para junto do altar. Eles no meio e os filhos, o Filipe e o Tiago, um de cada lado. A assembleia era constituída por um pequeno grupo de familiares da Rosa que do lado do Manuel estávamos nós, alguns da Casa, e os seus padrinhos de casamento, admiradores da Obra da Rua, que ao longo destes anos se fizeram presentes nos baptismos, Crisma, e outros aniversários desta família. Notas dominantes desta celebração: A Palavra de Deus «No princípio Deus fê-los homem e mulher...» A magistral lição dos Génesis acerca do inefável mistério do amor humano, numa linguagem cheia de beleza e poesia; é também uma página de fina psicologia... Depois, S. Paulo — Carta aos Coríntios — com elevada superioridade acerca de outras dimensões do amor vivido na esteira do Evangelho: «A Caridade tudo desculpa, tudo crê, tudo suporta... não passará jamais...» Por fim, a Palavra do próprio Jesus: «Vós sois o sal da terra; vós sois a luz do mundo...» O desafio à qualidade e à continuidade do testemunho no amor. Seguiram-se algumas explicações nossas, acerca daquelas palavras divinas que tão perceptíveis pareciam ao entendimento de todos, porque a Luz estava ali diante de nós: «Brilhe a Vossa Luz diante dos homens...»

Nós víamos na vida deste casal, como num filme, 25 anos de lutas, de esforços, de «altos e baixos», o sal que dá sabor e a luz que alumia no candelabro. Percebíamos o segredo que comanda estas vidas, a fidelidade que as define. Que segredo? A modéstia no agir e no viver. Ambos de condição humilde; de meios humanos e económicos calculados todos os dias, nem por isso entraram em depressão. Um deles sempre sorridente e optimista exorcizando os piores inimigos da vida de um casal: a rotina e a ambição desmedida.

Estava tudo ali: na Palavra proclamada e nas suas vidas discretas feitas de testemunho fecundo diante dos seus filhos. Como apreciei o momento em que o filho mais velho se aproximou do altar e diante dos pais pediu ao celebrante que abençoasse as suas alianças... Que ternura a daquele Abraço da Paz entre pais e filhos, longo, terno, gratuito e conovente.

No mistério insondável que Deus É; nas contas que ninguém como Ele faz, este momento que só a eternidade poderia ter captado, há-de ter sido antídoto, certo e fecundo, contra muitos divórcios iminentes. Deus tira força da fraqueza e «deixa os ricos de mãos vazias».

O resto deste dia, como se deduzirá, foi uma continuidade da paz que só Deus pode comunicar; também à volta de uma mesa onde não faltou o vinho da alegria e o pão do amor.

Padre João

## Moçambique

# Duas atitudes de Pai Américo

DEUS não dorme. «O meu Pai está sempre a trabalhar». Nós dormitamos ou como dizem os nossos guardas da noite: «estamos a soncar». A Obra da Rua tem sessenta e seis anos e faltam continuadores. No princípio, o carisma do Fundador fez aparecer vocações em quem as já tinha definidas, mas a quem Deus deu a martelada e viraram o rumo de suas vidas. Depois, apareceu o entusiasmo nos Seminários a ponto de D. António, Bispo do Porto, chegar a dizer: «Quem me dera que todos os meus seminaristas quisessem ir para a Casa do Gaiato». É claro que não viriam, mas havia muito por onde escolher. E D. António viu e descobriu com a sua invulgar inteligência a envergadura do Homem e da Obra.

Com o tempo, a baixa alarmante do número de vocações em todos os Seminários, um certo estatuto de Padres novos, formados na Universidade Católica e também a falta de protagonismo do carisma da Obra, que levou, já, um Bispo a dizer que os Padres da Rua são uns ultrapassados, vivemos a angústia de querer e não poder. Pedem-nos mais Casas e temos de dizer que não. Seis de nós, para mais dos setenta e oitenta, chegámos ao fim da corrida, embora nenhum se queira mostrar vencido pelos anos. Pelos desenganos, sim, porque não temos vocações à vista para substituir os idosos e nos sentimos mesmo marginalizados pela

Igreja, porque não dizê-lo também. Ninguém poderá nunca substituí-la nem na primazia da Caridade, nem da Educação, para usar palavras correntes, embora menos actualizadas, como se os seus valores não fossem perenes. Estamos no mesmo patamar dos marginalizados da sociedade, ou sejam os indesejados, pobres, drogados ou prostituídos.

Há duas atitudes em Pai Américo que sempre me marcaram, porque nunca aceitou o fingimento. Uma, a da Caridade mesmo a favor dos Pobres, mas elaborada em salões e cerimónias de circunstância. Para

ele era só falar do mundo. A outra, a falsidade de quantos ocupavam os primeiros lugares nas igrejas ou até à mesa da Comunhão, sem estarem em verdadeira comunhão com os mais Pobres. Por isso, chamou ao Barredo, onde a promiscuidade e a prostituição eram notórias e onde pisava as tábuas do chão como um lugar sagrado: «Terra de heróis, de mártires e de santos». Sempre ao contrário do mundo. Esse jeito de ver as coisas já o manifestou no Seminário quando, na Quaresma e ele sacris-

Continua na página 3

## Praticando o Bem

# Pobres

VISITAR os Pobres não é tarefa proveitosa, se o fazemos avulsamente; em vez de uma boa acção, nas nossas intenções, pode tornar-se, no concreto, um acto prejudicial ou ineficaz.

Se nos acompanha a luz de uma conferência vicentina conhecedora das pessoas e dos seus problemas, a visitação tem logo outra facilidade e virtude. Ir a sós à procura dos Pobres é pouco mais que vê-los na rua!

Durante toda a semana fui mortificado — a pobreza aflige-me — com muitos Pobres a bater à porta. A alguns respondi logo, pois o aspecto não me deixava enganar. Havia fome, abandono e miséria.

Paguei rendas de casa, luz e água. Não é o choro que me move, pois há quem pense *levar-me* com lágrimas e teimosas choradeiras.

É a aparência, a cor das pessoas e a profundidade do olhar. É a prática da vida a cuidar dos Pobres. É muito raro deixarmo-nos enganar, mas nada de nos fixarmos em convicções que aparecem só pela intuição. É mais seguro conhecer de perto.

Prometi que os iria visitar logo que pudesse. Este Domingo de S. Martinho, após o almoço, deixei o Padre Manuel Mendes a receber os visitantes, que são muitos aos fins-de-semana e fui com o Nuno e o Pedro procurar a morada dos Pobres para me inteirar do sofrimento que os afligia e poder acudir com segurança.

Um convite espontâneo aos dois moços resultou em prontidão feliz: — Vamos, sim, senhor!

Mal eu imaginava a barafunda em que me ia meter. Penafiel, nesta época, é inundada de automóveis. O trânsito pode chamar-se caótico,

não há uma nesga de berma onde se possa estacionar. Do princípio ao fim da cidade, os carros sucediam-se num e noutro sentido em marcha lenta e compacta, fazendo-nos perder a tarde nas ruas.

No lugar mais ou menos calculado, voltámos à direita para um bairro de prédios de quatro andares e logo o Pedro encontrou gente conhecida a quem perguntou se é aqui o bairro *xis* e o prédio número *tal*.

Estávamos a falar com familiares das pessoas que procurávamos.

— Ah... eu conheço-o! Você já me ajudou. Ora veja lá a minha cara. — A senhora tira os óculos para eu a reconhecer melhor.

— Não me lembro — retorqui-lhe.

— Mas lembro-me eu, ajudou-me muito. Não somos insensíveis a este acolhimento. Qual não será o Calor do Filho do Homem naquele dia! — mais perto do que imaginamos: «tive fome e deste-me de comer... estava preso e...» etc.

Continua na página 3



# Praticando o bem

Continuação da página 1

Se é assim neste mundo, como será na Eternidade?! «Você ajudou-me muito».

Subimos ao quarto andar por escadas de marmorite com muitos degraus dentados, e encontramos o

nosso canceroso mais a mulher, os filhos, as filhas e os netos.

Nestes bairros é tão importante a presença responsável de gente equilibrada e amiga que apresente o rosto de Deus! É tão importante e, infelizmente, tão rara... Parece

que, cada vez, se foge mais dos Pobres e se entrega tudo ao Estado como se este tivesse resposta que bastasse.

O Pedro é seminarista há mais de um ano, frequenta a Universidade Católica e quer ser Padre da Rua. Ele já conhecia aquele ambiente, mas foi muito bom ter-me acompanhado.

O Nuno, gaiato há 18 anos, é finalista de Dietética numa Universidade de Gaia. Na casa do canceroso pegou ao colo o menino com perto de um aninho, filho de mãe solteira, como agora se diz, e acarinhou-o de tal modo que nos confidenciou ter sentido a necessidade de ser pai. Pagámos-lhe a luz atrasada e presente e demos-lhe massa de tomate, feijão e arroz.

Outro caso e casa, noutra prédio. Foi um preso com pulseira electrónica. Vamo-nos habituando a estas técnicas modernas de prisão que nos parecem mais humanas e não deixam de ser eficazes por obrigarem a reflectir e a castigar os que erram. Era o primeiro andar, mas não subimos as escadas. O preso, da varanda viu-nos, e com a mãe apareceu ao nosso encontro recebendo-nos no primeiro patamar. Ali desabafou, confidenciando algumas amarguras, quedas, êxitos e esperanças. Só para o ouvir valeu a pena. Deixámo-lhe ajuda para pagar ao advogado.

Mais três mulheres, entre os 30 e os 40 anos. A uma, há tempos, aviei a receita e paguei os óculos que lhe equilibraram a visão. Outra, com cinco filhos, o marido tuberculoso, o rendimento mínimo suspenso e grávida.

Quem me dera ter tempo para visitar os Pobres e andar de casa em casa, com eles às costas, para pôr no jornal as tragédias vividas por famílias tão incapazes de se governarem e... amparar os seus filhinhos. Quem me dera!

Agora não podemos. As crianças são com o Estado.

Nesta hora de crise, a Igreja arreda-se ou liga-se ao Estado, deixando de manifestar assim, o Amor de Deus!... Dá pena!...

PAI AMÉRICO

## PENSAMENTO

**Nós somos pobres e amamos a pobreza. Meditemos no que está por detrás do Grande, do Soberbo, do Colossal — maiúsculas estas de que parece ser feita a vida dos nossos tempos. É o deus milhão a reinar. É o delírio das riquezas. Engano, lhes chama o Evangelho.**

# Moçambique

Continuação da página 1

tão, não sabendo ou não querendo saber dos panejamentos roxos, virou de costas todas as imagens da Capela do Seminário. «Eu vejo as coisas a uma luz...», não sei se acabou a frase ou me esqueci.

O que não me esqueceu também é que muitas senhoras pintadas vinham beijar-lhe a mão e ele não deixava, dizendo que estavam sujas. Verdade sua, mas vergonha para quem pretendia beijar-lhas. Talvez por isso, também, nos peditórios, algumas tiravam os anéis e outras jóias de grande valor, que deitavam no saco das esmolas, numa atitude interior de despojamento. Esse despojamento que tanto amava, ficou selado indelevelmente no Cálice desse ouro que

encomendou para a Capela, onde viveu as horas mais altas e preciosas da sua vida entre nós e onde recebeu a inspiração e a força para a Obra que lhe nasceu.

Dá o meu pensar que o seu despojamento para uma identificação radical com o Pobre, fosse criança, adulto ou meretriz, a sua visão de Cristo nesses mesmos, que fervorosamente chegava a beijar, coloque a Obra que ergueu em Portugal e por terras de África e os seus seguidores, no subterrâneo de uma Igreja ultrapassada. Já no seu tempo, muitos assim o julgaram, mas fora dela muitos o admiraram, aplaudiram e se aproximaram de Deus. E não há quem se aproxime desta Obra, para queimar nela o coração.

Padre José Maria

Padre Acilio

princípio, se realizará no segundo fim-de-semana de Setembro, em Azurara. A eleição recaiu no Quim Vieira, João Mourato e Belinha (filha do Fernando Dias) e marido. Foi ainda apresentada uma moção de repúdio aos ataques de que a Obra tem sido alvo, a qual foi aprovada por unanimidade, e que transcrevemos no final desta crónica.

De seguida, tivemos a Missa celebrada por Padre Júlio, finda a qual tivemos o nosso almoço com os antigos e actuais gaiatos presentes e onde o Padre Júlio nos honrou com a sua presença.

Depois, enquanto alguns se ocupavam da lavagem da louça e limpeza da cozinha, começou a debandada, sem que antes, o Laranjinha deixasse o refeitório num brinquinho, por sua iniciativa a limpeza de sábado à noite (o neto do Fernando Dias também quis dar uma ajudinha) e Domingo ficou por conta dele.

Não quero terminar sem fazer os agradecimentos indispensáveis. Ao Vieira (antigo gaiato de Setúbal), pela oferta das bebidas e melões; a presença muito rica dos antigos gaiatos do Tojal e Setúbal; à D. Conceição por todo o apoio que nos deu; ao Padre Júlio que gentilmente nos cedeu a casa, nos forneceu o pão e, como disse anteriormente, muito nos honrou com a sua presença; a todos os antigos gaiatos que marcaram presença, contribuindo, assim, para o êxito do nosso encontro; por último, um agradeci-

mento especial a todos (não menciono nomes para não me esquecer de ninguém, mas sabem quem são) que colaboraram nas tarefas indispensáveis (loja, limpeza, cozinha) para que tudo corresse bem.

Para aqueles que nem seu prato foram capazes de levantar da mesa, os meus votos de que no próximo ano marquem presença e, se possível, com um pouco de vontade de pôr em prática o lema da Obra da Rua.

**MOÇÃO** — Os antigos gaiatos de África e seus familiares, reunidos em 10 de Setembro de 2006, em Setúbal (Portinho da Arrábida), e face aos acontecimentos dos últimos tempos, com ataques constantes e desenfreados, repletos de falsidades, que visam denegrir a imagem das Casas do Gaiato, que põem em causa todo um trabalho digno e inquestionável, levado a cabo pela Obra da Rua, durante mais de 60 anos, do qual são testemunhas centenas de antigos gaiatos (o que infelizmente já conseguiram com a Casa do Tojal), e que põem também em causa a dignidade de alguns dos nossos Padres, decidiram:

1 — Repudiar toda a campanha vergonhosa e caluniosa que tem vindo a ser feita por alguma Comunicação Social, e não só, que visa denegrir e descredibilizar a imagem da Casa do Gaiato.

2 — Manifestar a todos os Padres da Obra a nossa solidariedade e dizer-lhes que podem contar connosco para todo o tipo de acções que venham a ser encetadas no sentido de salvaguarda do seu bom nome.

3 — Manifestar ainda em particular ao Padre Júlio a nossa solidariedade e admiração, que contra todas as calúnias sobre si lançadas tem sabido gerir com dignidade, honestidade e de cabeça levantada os destinos da Casa do Gaiato de Setúbal.

Não percam a coragem, contem connosco.

José Luís Pinheiro

## Malanje

**ANDORINHAS** — Pela manhã, subo à varanda para mais um telefonema. Quando me dou conta, um bando de andorinhas sobrevoa nossas cabeças em círculo, rodopiando e chilreando alguns segundos. Feitas as suas despedidas, como se de um adeus se tratasse, à nossa retirada da Casa do Gaiato de Malanje.

Não me lembro de ver, nestes meses, tantas andorinhas esvoaçando como outrora. A natureza delicia-nos,

## DOCTRINA



*É preciso que a regra se sacrifique às Obras e não estas à regra...*

«TENHO seguido com interesse sempre crescente a Obra providencial a que se devotou por inspiração do Divino Espírito Santo, e quero concorrer para ela com o meu óbolo que, por ser franciscano, não pode ser muito grande. Queira contar-me no número dos assinantes do seu Jornal, que há muito leio com a maior atenção. O GAIATO é um autêntico revolucionário, mas faz a revolução do bem e da verdade e por isso bem-haja ele. Leio-o sempre sem perder uma letra e só passo à frente os nomes das assinaturas pagas. Muita coisa ensina ele com um desassombro que consola, com uma convicção que contagia, sem respeitos humanos de nenhuma espécie ou qualidade. É um pregador eloquente que põe a nu o Evangelho e o prega com todas as suas exigências. Aproveita-me sempre a sua leitura. Aprecio também imenso os seus métodos de formar estas almas e confesso que muito tenho aprendido nas colunas d'O GAIATO. Tenho pena que não haja alguém que aplique às Casas de raparigas os mesmos processos educativos, os únicos que nos tempos actuais podem produzir fruto verdadeiro e durável. Ah!, se se reformassem os Asilos de raparigas e neles se adoptasse o mesmo método, quanto se lucraria! Não haverá quem seja capaz de meter ombros a uma empresa destas?»

**H**Á sim senhor. A dificuldade não está no fazer. Está é no desfazer. Desfazer uma coisa que está feita há séculos, com raízes na virtude, amparada por leis, sustentada por heranças, dirigida por «competências». Quem pode?! Só com o andar do tempo. Veja a pessoa que escreve, se pode começar desde já a fazer uma coisinha neste sentido tanto mais que, segundo creio, trata-se de uma Religiosa-educadora. Primeiro que tudo, deixe-me cuprimentá-la, por ser uma Religiosa e apreciar. Estiveram aqui há tempos duas Religiosas que vinham ver o que isto é e ao depois tomar conta. Pois tais coisas viram e ouviram, que se foram embora apavoradas com os nossos métodos! Queriam implantar o delas. Fazer meninos do coro, em vez de homens de amanhã. Quem é que vai lançar vinho novo em odres velhos — quem? É contra o Evangelho! Sim, primeiro que tudo, deixe-me cuprimentá-la.

*D. Amín. 5!*

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

surpreendentemente, com estes sinais de paz e confiança no futuro deste País e destas novas gerações. Foi um sentimento de alegria ao dar conta de que até a natureza respira uma nova vida, manifestando-se desta forma mais bela e mais pura. Sinais dos tempos que nos despertam uma nova vida para amar, servir, fazer o bem; ganhando, assim, a confiança dos povos que muito sofreram as injustiças das grandes potências, onde seus armamentos foram testados e negociados contra povos indefesos. Que bom seria que esta paz não fosse aparente, mas a continuidade de um País próspero e potencialmente rico, ao serviço deste Povo. Que as injustiças cometidas, fossem superadas, devolvendo, assim, a todas as famílias, a dignidade, o respeito, o direito à vida. Só assim, a liberdade se pode considerar conquistada.

**FUTURO DOS RAPAZES** — Ao longo da minha permanência, falei com muitos rapazes, perguntando o que pensavam para o futuro. Muitas dúvidas pairam nas suas mentes. Traumas de guerra, falta de afecto e abandono, que os levam a situações difíceis de ultrapassar. Todos diferentes na sua forma de pensar, mas um em comum: — Que será do nosso futuro, após a saída desta Casa? — Muitos destes adultos, com poucas capacidades e possibilidades para enfrentar a vida,

não querem sair. Compreendo cada situação do rapaz, mas temos de ser claros e objectivos ao fazer compreender a necessidade da sua saída para o mercado de trabalho, dizendo, também, que o tempo de permanência chegou ao fim. Há que enfrentar a vida, o que nem sempre é fácil, para muitos dos que acabam seus estudos. O tempo passa, as idades avançam sem que dêem conta. A Casa do Gaiato não pode de modo algum manter esta situação, pois está em causa a educação dos mais novos. São muitos os perdidos, mas sem a saída destes não nos é possível receber outras crianças.

**HORTA** — Tem sido uma riqueza para a nossa alimentação. Há mais de dois meses que não tem faltado o repolho, tomate, tronchuda, pepino, cebola e pimentos. Já temos clientes para consumir os excedentes da nossa produção, o que é muito bom. O tempo das sementeiras nem sempre é o mais apropriado para a época, mas vamos fazer um esforço para honrar os compromissos assumidos.

**COZINHA** — Entrou em pleno funcionamento, com o equipamento industrial. Dá gosto ler nos rostos a alegria dos nossos rapazes ao confeccionarem as refeições a gás, oferecido pela Sonangol, são três garrafas de 51 quilos/mês. O nosso muito obrigado. Júlio Silva

# Uma Boa Notícia

**A**vontade de que se não extinga rapidamente a ressonância do recente Prémio Nobel da Paz, sem deixar impressa no nosso espírito a importância do *microcrédito* para a *erradicação da pobreza* no mundo, faz-me insistir no tema junto dos nossos Leitores, já que os grandes meios de comunicação social lhe não dão o relevo merecido, ocupados como estão com o relato super abundante das desgraças do dia-a-dia.

Ora a verdade é que a atribuição do Prémio é o reconhecimento da validade deste trabalho na «luta contra a pobreza», pela «redução das desigualdades e o desenvolvimento social como condições de construção de paz» — condições que «Yunus simboliza». Já Paulo VI exprimira o mesmo pensamento na sua Encíclica «Progresso é o novo nome da Paz» — progresso abrangente a todos os Povos.

Ora o *microcrédito* é uma forma de progresso posta exactamente ao rés dos mais pobres dos homens; e, ainda mais, com base no profundo respeito pela pessoa humana, porventura prostrada, mas capaz de se levantar se lhe derem a mão — um dar a mão que exclui o pegar nela ao colo.

«A parte submersa do *microcrédito*, não é um microcrédito — escreve um Professor Catedrático de Economia que é o Presidente da Associação Nacional de Direito ao Crédito (ANDC) — é, antes um macrocrédito que não tem natureza financeira, mas o sentido do muito crédito, que significa acreditar, dar confiança às capacidades que possuem muitos dos que a sociedade bem estabelecida tende a rotular como marginais. (...) O segredo do *microcrédito*, mais do que no pequeno crédito financeiro, reside na confiança ilimitada que, de forma continuada, se vai atribuir a pessoas que dele necessitam. (...) Queremos que todos os beneficiários do *microcrédito* sejam pessoas de crédito». Assim como a estabilidade e eficiência de uma construção é garantida pela solidez dos alicerces, assim esta «parte emersa» é garantida pelo facto de Verdade e de sede de Justiça em que enraíza o *microcrédito*, o que explica a sua fecundidade. Fosse desta espécie a fonte em que bebem tantos que fazem profissão da Justiça social e outro galo nos cantaria: em vez de panaceias, remédios!

Esta carta credencial que o *microcrédito* põe nas mãos dos que dele beneficiam, antes de os apresentar ao mundo, constitui uma auto-revelação: Aquele que sem nada, nada podia, descobre-se um produtor de bens, um cidadão prestável e contribuinte de harmonia social; e esta mudança de estado é a substância da credencial que exhibe e o constitui credível. Antes prostrado, agora de pé — é outra a visão que tem de si mesmo e do mundo. «Com pequenos passos se pode ir passando da sociedade de desespero para a sociedade da esperança que tem aqui o nome de sociedade empreendedora». Ele próprio é a carta credencial.

Assim se promove o homem, sempre em plano de respeito da sua dignidade fundamental.

«O *microcrédito* pode ser considerado como uma ajuda aos que dela precisam, mas não é uma esmola; (...) é uma janela de oportunidades para que cada um se possa ajudar a si próprio. (...) Não poucas vezes temos ouvido dizer que mais importante do que o crédito concedido foi a palavra amiga que o acompanhou».

Tal deixa supor «actividades de voluntariado de associados da ANDC», imprescindíveis no arranque de uma operação de *microcrédito*.

A este ponto, assim Deus nos dê vida, havemos de voltar.

Padre Carlos

## Setúbal

# Domina a técnica

**Q**UANDO, às diversas pessoas ou grupos que nos visitam, falamos do espírito que conduz o nosso modo de viver, à maneira familiar, acende-se-lhes, muitas vezes, a dúvida de estarmos no caminho certo quando não queremos a presença de técnicos nas áreas humanas, dentro da nossa Casa.

Vivemos no tempo em que domina a Técnica. O seu desenvolvimento e presença nas diversas áreas, conquistou toda a gente e quase todos se lhe renderam. Os seus frutos despertam o apetite até dos mais pobres que reduzem a zero as tradições dos seus pais, para irem em busca da felicidade que eles prometem.

Estou a lembrar-me daqueles países em África, em que pelo menos a juventude parece ter renunciado aos valores tradicionais da sua cultura, e partindo

atrás de ilusões vãs provenientes do Ocidente.

Por cá também se vai vivendo nessa ilusão e das suas falsas promessas de felicidade.

No que diz respeito e toca ao nosso assunto, sentimos tratar-se de conhecimentos fundamentados e com valor científico. No entanto, não se reduz a eles o ser humano. Há um conjunto de motivações, conscientes e inconscientes que fazem parte da vida humana e que necessitam de campo livre de acção, pois não podem ser limitados pelo saber, sempre incompleto, do conhecimento humano. Por isso, a técnica não deve nem pode ocupar o espaço que não é seu.

Nada pode substituir a vida familiar. Os nossos são sem família. Nós remediamos a sua falta, vivendo à sua maneira, quanto é possível. Não temos horas nem dias para nós. Somos uns para os



Completaram-se, em 16 de Novembro, 43 anos da nossa chegada a Angola.

## Benguela

# A Esperança é alavanca que nos mantém

**N**AQUELE tempo e naquele povo, a viúva era o melhor símbolo da pessoa desamparada e débil. Agora, é louvada pela sua generosidade, porque deu do que necessitava; ficou sem algo que lhe fazia falta para comer. Por causa da sua esmola, sua vida teve que mudar; sentiu. A qualidade do amor destas pessoas faz crescer o Reino de paz e justiça que vivemos, aqui e agora, em esperança. Dar do que nos sobra, sem afectar a nossa segurança, não muda as nossas vidas; ajuda a mudar a vida dos outros que estão caídos. É um dever de justiça a que não podemos fugir. Somos chamados, contudo, a ir mais além. O caminho da viúva está cheio de luz; e de sangue vivo, também, a correr para as veias secas de tantas crianças e mães. É o caminho dos heróis que fazem o mundo novo.

Vejo-o e experimento-o, todos os dias, nos bebés e mais crescidos. Quem me dera pudesse regressar, o mais depressa possível, às suas terras de origem! Mas, não! Aquela mulher deixou-nos, há mais de 9 anos e foi juntar-se, de novo, ao pai dos seus filhos, nas terras do Lubango. Agora, regressa e bate-nos à porta, com um filho ao colo, outro no ventre, e mais dois, bem agarrados à mãe.

Ficou só, com a morte do homem, e volta para a roda da fogueira que lhe dá calor e vida. Até quando? Não fica abandonada. São símbolos da realidade sentida e vivida no nosso dia-a-dia.

Corri à paróquia que nos cerca, à busca dalguma força viva, que animasse e desse esperança e encaminhasse para lugar seguro quem estava só e em risco de sobrevivência. Lembrei-me do dito sábio de Pai Américo: «Cada paróquia deve cuidar dos seus pobres». Como estamos longe! Situações como esta são chicotadas que hão-de deixar marcas. A Igreja, em Angola, e os seus pastores, a todos os níveis, darão testemunho escandaloso do seu amor efectivo ao povo anónimo, mais pobre e mais excluído da sociedade. Hão-de aparecer sinais visíveis do cuidado a ter com essa parcela do Povo de Deus. Esses sinais serão a janela, através da qual, os que estão fora verão a verdadeira Igreja de Jesus Cristo. E os que estão dentro verão a sua Fé confirmada sem precisarem de fazer outras experiências.

Ao escrever-vos estas Notas, ao jeito de partilha convosco da nossa vida, no dia a dia, estou a lembrar-me dos 43 anos da nossa chegada a Benguela. Completam-se, precisamente, no dia 16 de Novembro.

Este ramo da Obra da Rua, a Casa do Gaiato, cobriu Angola, desde o planalto, Malanje, até ao litoral, Benguela. São dois rebentos gémeos do mesmo ramo e da mesma árvore. Estou a reviver os dias e as horas, antes da partida do cais do Restelo, em 02 de Novembro de 1963. A viagem, num barco misto de carga e passageiros, durou 14 dias, até ao porto do Lobito. A experiência existencial do primeiro contacto com a natureza e o povo marcou de tal maneira a nossa vida, ao longo dos anos, que não vemos outra saída, nem outra terra, nem outro povo e filhos para consumir o que nos resta, até ao fim. A mesma chama nos consome, agora como naquele tempo. Quem me dera que este fogo não se apagasse jamais nos vossos corações que sempre bateram ao mesmo ritmo do nosso e destes filhos com o rosto tão ferido pela violência da guerra e pela desgraça que se lhe seguiu!

Ainda não vemos o que a Esperança. Isto significa que a Esperança é a alavanca que nos mantém a todos, bem erguidos, em estado de alerta, sem adormecer, sacudidos pela força da generosidade, sem desfalecimento. A Esperança não engana!

Padre Manuel António

outros, tal como em todas as famílias que o são.

São muitas as técnicas candidatas (sempre senhoras), a proporem-se para exercer a sua profissão nas nossas Casas. Por outro lado, não existem mulheres disponíveis para ser mães dos nossos rapazes. A técnica também aqui domina e dá cartas. Nós não nos rendemos, e continuamos a acreditar que todos têm lugar, no seu lugar.

Padre Júlio

